



12º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa do IP/PUC-SP
3º Congresso Internacional de Lusofonia
1, 2 e 3 de maio de 2008

O SUFIXO *-ISMO* NA HISTÓRIA DAS GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Vanderlei GIANASTÁCIO

Os estudos de afixos não estão presentes nas gramáticas de língua portuguesa produzidas entre os séculos XVI e XVIII, como são encontrados nas gramáticas atuais. Esse perfil de escrita, não voltado para os estudos morfológicos, está relacionado com a ênfase que dada ao se escrever uma determinada gramática na época. Como consequência desse perfil, os autores dessas gramáticas não tinham sua atenção voltada para as pesquisas sobre a formação de novos vocábulos por meio de afixos. Partindo do pressuposto da relação existente entre cultura e linguagem, entende-se que, mesmo que no Mercantilismo novas palavras surgiram para expressarem os instrumentos utilizados e voltados para a navegação, sabe-se que, no Iluminismo, houve a necessidade de novos vocábulos, principalmente os que identificavam novas descobertas nas diversas ciências. Neste momento da história, o sufixo *-ismo* para a produção de novos vocábulos. Por outro lado, isso não significa que esse sufixo nunca fora utilizado na história da língua portuguesa, pois palavras que se encerram com *-ismo* já eram úteis e pertenciam tanto à linguagem popular, como culta. Algumas podem ser destacadas, como *solecismo*, *barbarismo* e *batismo*. Entendendo que o *-ismo* não era um sufixo de produção lexical, questiona-se a presença dessas palavras antes do Iluminismo.

No passado, na língua grega, o sufixo *-ismo* contribuiu para a formação de substantivos deverbais de ação. Por mais que as gramáticas de língua portuguesa, em geral, afirmam que esse sufixo teve origem no grego *-ismós*, verificou-se, ao pesquisar as gramáticas de língua grega, que o sufixo utilizado nesta língua era o *-μός*. A presença de sufixos na língua grega é conhecida por vários autores. Robertson (1919:146) entende que o “grego é rico nestes sufixos formativos, que são mais ou mais menos populares em vários períodos da língua. Os sufixos no grego são completamente similares àqueles no Sânscrito mais velho”¹. Ainda Robertson (1919:152), os vocábulos na língua grega que terminam em *-μός* expressam ação, pois dos verbos terminados em *-ίζω*, é possível encontrar o substantivo *βαπτισ-μός*. Assim, “a terminação *-μός* sobrevive no grego moderno literário (...) a tendência é que as novas palavras terminadas em *-μός* diminuam. O grego vernacular moderno tem deixado perder esta terminação”². Um outro exemplo de substantivo de ação no grego é o vocábulo *πολεμα* - “guerra”. No nominativo, singular da segunda declinação, aparece o sufixo *-μός* - *ό πόλεμος* - “a guerra”.

Freire (1986:259) entende que há diferenças morfológicas dos verbos no futuro entre o grego bíblico (ou *κοινή* popular) e o clássico. “Os verbos que terminam em *-ίζω* têm também o

¹ “the Greek is rich in these formative suffixes, which are more or less popular at various periods of the language. The suffixes in the Greek are quite similar to those in the older Sanskrit.” (*tradução nossa*)

² “The ending *-μός* survives in literary modern Greek (...) The tendency to make new words in *-μός* decreased. The modern Greek vernacular dropped it.”

futuro regular *-ίσω*, em vez do futuro ático (*-ιω*)” (FREIRE 1986: 259). Assim, Freire apresenta os sufixos de ação ou resultados de ação. São eles: *-σις*, *-σια*, *-α*, *-η*, *-μα*, *-μη*, *-μός*, com os exemplos seguintes: *μάθη-σις*, *estudo* (*μανθάνω*, *estudar*); *θυ-σία*, *sacrifício* (*θύω*, *sacrificar*); *φθορ-ά*, *corrupção* (*φθείρω*, *corromper*); *εὐχ-ή*, *oração* (*εὐχόμεαι*); *διωγ-μός*, *perseguição* (*διώκω*) (1986:269). Taylor (1986: 76) faz um destaque da ausência da letra sigma σ no presente do indicativo médio no verbo *δεδίωγμαi* – *prossigo*. Mesmo sendo um verbo de ação, *διώκω* – *perseguir*, pelo fato de sua raiz terminar em κ , *διωκ-*, acrescenta-se a letra ξ (xi) ao ser conjugado no futuro do indicativo, formando o vocábulo *διώξω*. A origem dessa mudança está na regra grega utilizada para os verbos que suas raízes terminam κ , γ ou χ . Tal terminação ao unir-se com o σ , formam o ξ . Já para formar um substantivo de ação a partir do verbo *δεδίωγμαi* – *prossigo*, acrescenta-se na raiz do verbo o sufixo *-μός*, transformando-o em *διωγμός*, *perseguição*. Nesse caso, este substantivo deverbal não utiliza o σ (sigma) antes do sufixo *-μός*.

Um exemplo de verbo no grego que utiliza o sigma σ na sua conjugação é o *βαπτίζω* – *imerjo*, *mergulho*, primeira pessoa do singular, no presente do indicativo. Com a sua raiz *βαπτιδ-*, requer para a formação do futuro, o uso do sigma σ , transformando *βαπτίζω* em *βαπτίσω*. Segundo Taylor (1986:76), nas línguas dentais unidas ao sigma σ permanecem apenas o σ . São elas: τ , δ , θ + σ = σ . No caso do verbo *βαπτίζω*, ao ser transformado em substantivo com o sufixo *-μός*, recorre-se ao uso do sigma σ , formando *βαπτισμός* – *ato da imersão*.

A transição desse sufixo para o latim é motivo de pesquisa. Nas gramáticas³ da língua latina consultadas, no estudo sobre derivação de palavras, o sufixo *-ismus*, este em latim, não foi encontrado. Furlan (2006:153), em sua gramática latina, apresenta sufixos que formam substantivos derivado de verbos com o mesmo valor semântico do sufixo *-μός* na língua grega. São eles: *-io*, *-tio*, *-or*, *-us*, *-ium*, *-ido*, *-ura*, *-men*. Nota-se assim que, mesmo verificando a ocorrência de vocábulos que se encerram em *-ismus* no latim, não significa que essa terminação era um sufixo formador de novos vocábulos no léxico latino. Os vocábulos formados com o sufixo *-μός* no grego e que terminavam em *-ισμός*, apareceram no latim com a terminação em *-ismus*. Entende-se que esse processo se deu por meio de empréstimo, como por exemplo, *βαπτισμός*, que passou para o latim *baptismus*. No caso do $\omicron$ (ômicron) no *-μός*, ter passado para o *u*, em latim, formando o *-ismus*, poder-se-ia dizer de uma alteração vocálica. Entende-se que não houve tradução dessas palavras do grego para o latim e sim, transliteração.

O latim, inicialmente falado em Roma, estendeu-se por toda a Itália e alcançou a Europa ocidental. Essa conquista realizada pelo Império Romano, levou a língua latina a ter uma relação, tanto com o grego como, mais tarde, com o português. Said Ali (1971:243) observa que outras palavras também foram utilizadas no grego cristão e depois no latim eclesiástico como por exemplo *eksorkismós* e *exorcismus*. Esse autor entende que “os termos *catecismo* (*catechismo*), *cristianismo*, *paganismo*, *aforismo*, *exorcismo* e vários outros se devem ao latim da Idade Média, sendo uns tomados diretamente ao grego, outros formados analogicamente”. Maurer Jr. (1962:171) afirma que o latim recebeu uma influência muito forte da língua grega, porque esta era mais rica que aquela. Houaiss também traz informações semelhantes em seu

³ Esse, entre outros sufixos apresentados por Furlan, não se encontra nestas páginas o sufixo *-ismus*. O mesmo acontece com a gramática da língua latina de NÓBREGA, Vandick L. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1962. Nos dicionários desse mesmo idioma também não foi encontrado o sufixo *-ismus*. Alguns deles são: o de Manuel Bernardes Branco, *Portuguez-Latino*. Lisboa: Livraria Ferreira. 1879, o de Jacques André, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Éditions Klincksieck 1994 e o de LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. London: Oxford University Press. 1879. (tradução nossa)

dicionário ao explicar o sufixo *-ismo*. Ele apresenta o sufixo no grego e explica que, antes de entrar para o léxico da língua portuguesa, o *-ismo* passou pelo latim: “do gr. *-ismós, oû*, formador de nome de ação de verbos em *-ízo* e, às vezes, em *-ió*, pelo lat. *-ismus, i*, donde: gr. *katékhizó:katékhismós*: port. *catequizar:catecismo*; gr. *hellenízo:hellenismós*: port. *helenizar:helenismo*; gr. *ostrakízo:ostrakismós*: port. *ostracizar:ostracismo*” (HOUAISS 2001).

Do latim, o sufixo *-ismus* passou para a língua portuguesa em *-ismo*. Para Furlan, “quase todos os sufixos latinos derivaram para o português, embora com alterações. O registro da incidência da tônica serve de parâmetro para os vocábulos congêneres” (2006:152). Ainda, antes do século XVIII, um fato histórico que colaborou para que as palavras terminadas em *-ismo* passassem a ser divulgadas de uma forma mais intensa, foi a invenção do prelo por Guttenberg, em 1440. A imprensa colaborou com reprodução em maior quantidade de cópias dos textos escritos (CAMPOS 2004:18). Said Ali entende que foi graças à Igreja Cristã o fato de muitas palavras latinas passarem a ser vulgarizadas e, nem por isso, deixaram de ter o seu caráter erudito. Mesmo a linguagem popular utilizando tais palavras com frequência, nota-se que não houve uma produção de novos vocábulos com o uso do sufixo *-ismo*. Foi a língua culta, nos séculos XVIII e XIX, influenciada pelo movimento intelectual que ocorreu na França, que colaborou para o uso desse sufixo (SAID ALI 1964:243).

O Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho, do Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica (GPMH), da Universidade de São Paulo, dirigido pelo professor Dr. Mário Eduardo Viaro, utilizando o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* como *corpus*, selecionou os verbetes terminados em *-ismo* de uma forma cronológica, conforme as datas que entraram no léxico português. A partir do século XVII, já é possível encontrar um aumento significativo na produção de vocábulos com o sufixo *-ismo*. Com menos de dez mil verbetes no século XVIII, percebe-se um crescimento para mais de trinta mil vocábulos no século XIX. As próprias palavras de Houaiss expõem essa produtividade com esse sufixo. Ele afirma que “o suf. *-ismo* foi, primeiro, us. em medicina, para designar uma intoxicação de um agente obviamente tóxico: *absintismo, alcoolismo, ergotismo, eterismo, hidrargirismo, iodismo*” (HOUAISS 2001). Como o despertar da ciência e dos demais ramos do conhecimento, o sufixo *-ismo* parece ter sido um elemento de grande contribuição para a formação de novas palavras. Houaiss ainda acrescenta que no século “XIX e no sXX, seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos nomes próprios representativos, ou de nomes locativos de origem, e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há para cada nome próprio um seu der. em *-ismo*” (HOUAISS 2001).

Dessa forma, questiona-se a produtividade do sufixo *-ismo*, visto que até o século XIX ele não era reconhecido como sufixo pelos gramáticos de língua portuguesa. Contudo, faz-se necessário, para entender essas questões, observar como o sufixo *-ismo* apareceu pela primeira vez na gramática de língua portuguesa, que, segundo pesquisas realizadas até momento, foi a de Júlio Ribeiro, editada em 1881.

Julio César Ribeiro Vaughan nasceu no dia dezesseis de abril de 1845, em Minas Gerais, na cidade de Sabará. Fez a sua escola primária em Minas Gerais e depois, mudou-se para o Rio de Janeiro. Permaneceu ali apenas três anos. Mudando-se para São Paulo, iniciou estudos nas áreas de magistério e jornalismo. Foi diretor e proprietário de diversos jornais da época, dentre eles, o Estado de São Paulo, a Gazeta de Campinas e, no período de 1870, a 1872, trabalhou no jornal Sorocabano. Culto, Ribeiro conhecia as línguas modernas, o grego e o latim. Com esse conhecimento, pôde publicar estudos sobre filologia no Almanaque de São Paulo. A respeito dele, Leite escreve que “a biografia de Júlio Ribeiro mostra que ele foi mais jornalista e escritor do que gramático, mas, mesmo assim, foi personagem importante para a historiografia lingüística” (2007: 01). Além de escrever sua gramática, Ribeiro também foi

“professor de retórica no Instituto de Instrução Secundária, em Salvador, e de língua portuguesa, no Colégio Culto à Ciência, em Campinas. Foi escritor, seguidor de Émile Zola, e, pela repercussão de seus romances foi membro da Academia Brasileira de Letras” (LEITE 2007:01). Ribeiro faleceu em 1890, na cidade de Santos, estado de São Paulo, no dia primeiro de novembro.

A Gramática Portuguesa de Ribeiro, sob a influência de filólogos franceses, alemães e ingleses foi publicada em 1881, na cidade de Capivari. A segunda edição revista foi adotada pelo Colégio Pedro II, em Campinas⁴. Como Cavaliere afirma, esse período do Brasil foi um momento propício para que surgissem novos textos, tratando da língua vernácula, de forma normativa⁵. Afinal, a transferência da Corte para terras brasileiras e a proclamação da independência contribuíram para a vida cultural no Brasil, para a formação de um ambiente que valorizasse a escrita. A partir da gramática de Júlio Ribeiro, os brasileiros do século XIX e do seguinte, passaram a encontrar gramáticas publicadas com métodos diferentes do tradicional. Leite apresenta a citação de Eduardo Carlos Pereira⁶, o qual entende ser a gramática de Júlio Ribeiro um estudo que rompeu com os velhos métodos (LEITE 2007:04). Com uma nova metodologia, tomada do comparativismo e da gramática histórica, encontra-se, na gramática de Júlio Ribeiro, referência aos sufixos.

A posição de Ribeiro a respeito do sufixos é clara ao afirmar que “são numerosos, uns derivados das fôrmas latinas, outros das fôrmas augmentativas, diminutivas e pejorativas do gênio da língua” (1881: 153). Os sufixos abordados por ele são aqueles que se juntam ao radical de substantivos: *-aço, -ade, -ado, -al, -agem, -ão, -aria, -ato, -dura, -edo, -eda, -eiro, -ena, -essa, -eza, -iza, -ia, -io, -ismo, -ista, -mento e -ume*. Para Ribeiro, o sufixo *-ismo* “designa a generalização do significado do substantivo primitivo, ex.: heroísmo, khristianismo, materialismo, organismo, positivismo, transformismo” (1881: 155). Um novo perfil de gramática é possível notar em sua obra, ele já não escreve com uma gramática com o perfil filosófico como a de Fernão de Oliveira e de João de Barros.

Esse novo método utilizado por Ribeiro demonstra uma postura estruturalista, mesmo antes da publicação da obra póstuma *Curso de lingüística geral* de Ferdinand de Saussure. Esta, por sua vez, explicou que os elementos de cada língua eram definidos pela sua relação de equivalência ou de oposição aos outros elementos da própria língua. Entendeu-se que a estrutura era formada pelo conjunto dessas relações. Lepargneur afirma que estrutura passou a ser compreendida como “um conjunto de elementos entre os quais existem relações, de forma que toda modificação de um elemento ou de uma relação acarreta a modificação dos outros elementos e relações” (1972: 04). Para os estruturalistas, a língua consiste num conjunto de sistemas ligados uns aos outros, é um sistema de relações. Tanto as palavras, como os morfemas e os fonemas, sem estar relacionados com a oposição que os ligam ou com os seus equivalentes, não podem apresentar nenhum valor⁷. Considera-se que a obra de Saussure, que de certa forma, marca a origem do estruturalismo, foi editada apenas em 1916, depois da gramática de Ribeiro, em 1881.

⁴ Sítio da internet: www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567 (Acessado em 16.12.07).

⁵ CAVALIERE, Ricardo. *A corrente racionalista da gramática brasileira no século XIX*. Sítio da internet: http://www.ailepedu.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc (Acessado em 16.12.07).

⁶ “Depois que Júlio Ribeiro imprimiu nova direção aos estudos gramaticais, romperam-se os velhos moldes, e estabeleceu-se largo conflito entre a escola tradicional e a nova corrente. Vai esta hora viva a requesta em todo o campo gramatical. A incerteza das teorias pede meças à variedade desorientadora do método expositivo e à exuberância abstrusa e cansativa.” PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo: Nacional. 1926. p. 45 apud. LEITE, Marli Quadros. *Anotações sobre dois autores brasileiros do século XIX: Júlio Ribeiro e João Ribeiro*. Notas de aulas inéditas em 31.10.07.

⁷ Sítio da internet: www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estruturalismo.htm (Acessado em 13.12.07).

Nota-se assim, qual foi a percepção que Ribeiro teve língua. Ele valorizou a importância da análise sincrônica da língua e foi capaz de fragmentar os substantivos e descobrir a importância dos afixos na língua portuguesa. Ribeiro cita na primeira edição, e explica na segunda, que foi influenciado por William Dwight Whitney⁸. Além de Whitney é perceber que outros autores na área da lingüística influenciaram Ribeiro. A forma como se deu essa influência, é motivo de pesquisa, mas é possível encontrar na gramática de Ribeiro algumas afirmações semelhantes à de Humboldt. Segundo Milani, que em sua dissertação⁹ apresentou as idéias de Friedrich Christian Karl Ferdinand Wilhelm von Humboldt, diz que ele nasceu em 22 de junho de 1767, em Potsdam. “Viveu entre 1767 e 1835, dedicou os últimos 20 anos de sua vida anos à pesquisa do processo da comunicação verbal humana (...) Ele estudou o comportamento estrutural das línguas”¹⁰.

Dentre vários pensamentos de Humboldt semelhantes aos de Ribeiro, pode-se destacar a seguinte afirmação: “como o indivíduo sempre pertence a um coletivo, a língua é sempre individualmente coletiva. Individualmente, porque a língua é de imediato a expressão de uma individualidade; e coletiva porque todo o indivíduo está encaixado, por sua vez, em um grupo e suas aspirações refletem as aspirações do grupo” (MILANI 1994: 43). Na gramática de Ribeiro, o pensamento não é diferente, quando afirma que “nós começamos a aprendizagem da fala aprendendo a entender as palavras que ouvimos pronunciar aos outros; depois aprendemos a pronunciar-as nós próprios, e a coordenar-as, como os outros fazem, para exprimir as nossas impressões, os nossos pensamentos” (RIBEIRO 1885:133).

Ambos os autores entendem a relação da língua que há entre o indivíduo e o coletivo. Além disso, Milani (1994: 22) também escreve que Humboldt provou a existência de “fatores do comportamento exterior e interior dos seres humanos, como guerras, unificações territoriais, movimentos intelectuais etc., que colaboram para a diversificação dos costumes e comportamentos e levam a uma diversificação lingüística”, e desde que língua seja falada, entendia Humboldt, “o vocabulário não poderá ser considerado finito. Dado que ele é fruto da capacidade de formar palavras, novas palavras serão revitalizadas e criadas enquanto a língua for intermediadora entre a natureza e uma nação” (MILANI 1994: 81). Algo semelhante a essa idéia de Humboldt, Ribeiro, ao tratar dos afixos, traz em sua gramática, explica no léxico de uma determinada língua, é possível ocorrer “variações produzidas pela introdução de palavras novas, devidas às relações exteriores, às sciencias, á industria” (RIBEIRO 1885:136).

Além dessas afirmações, há muitos outros elementos que são comuns entre Humboldt e Ribeiro. Dessa forma, percebe-se como se deu a evolução das idéias acerca da língua, pois mesmo antes de Saussure, já havia pensamentos voltados para o estruturalismo. Observando as idéias de Humboldt, torna-se compreensível qual era o pensamento que permeava as discussões na área da lingüística na Europa. A história mostra que essas idéias não ficaram apenas ali, mas foram além mares. Com essas semelhanças nas idéias desses dois autores, inicia-se a compreensão do uso do sufixo *-ismo* na produção de novos vocábulos e o estudo dele na gramática de Ribeiro, mesmo antes do surgimento da obra que representou um marco para o estruturalismo, *Curso de lingüística geral*.

⁸ William Dwight Whitney (1827 -1894) foi um norte-americano lingüista, filólogo e lexicógrafo. Foi professor de sânscrito e de filologia comparativa em 1854 e 1869 respectivamente. Nesse último ano foi fundador e o primeiro presidente da *American Philological Association*.

⁹ MILANI, Sebastião Elias. *As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt*. São Paulo. 1994. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹⁰ MILANI, Sebastião Elias. *As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt*. São Paulo. 1994. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Citação do resumo que não está paginado.